

“A COISA MAIS LINDA É O SONHO DE POETA”: O UNIVERSO ONÍRICO DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Joaquim Humberto Oliveira¹
José Carlos Sebe Bom Meihy²

RESUMO: A proposta deste artigo é analisar o papel dos sonhos nos diários de Carolina Maria de Jesus. Partindo-se da combinação dos fragmentos publicados em “Quarto de despejo”, na versão de Audálio Dantas, como nos originais inéditos, buscou-se valorizar aspectos subjetivos, pouco prezados na consideração geral da obra desta escritora. Na mesma ordem, o sentido da palavra sonho como expectativa demonstra a dimensão da produção de Carolina como um projeto de vida.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus, diários, sonhos.

ABSTRACT: This article analyses the role of dreams in the diaries of Carolina Maria de Jesus. The combination of fragments published in “Quarto de Despejo”, in Audalio Dantas' version, as well as in the unpublished originals were used to bring value to subjective aspects, not well emphasized in general writings about the work of this author. On the same grounds, the word dream, meaning expectations, proves the dimension of Carolina's production as a life project.

55

Keywords: Carolina Maria de Jesus, diaries, dreams.

¹ Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio.

² Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio.

Foi pelo lançamento de modesta parcela dos diários de Carolina Maria de Jesus, transformado no livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, em 1960, que Carolina se tornou mundialmente famosa como escritora que, em situações desfavoráveis e de penúria, produziu um dos textos testemunhais mais impactantes de seu tempo³. Aquele, aliás, era um momento em que a *contracultura* despontava como largo programa de contestação, onde cabiam personagens excluídos, marginais, malditos, enfim figuras que fugiam dos padrões convencionais e consagrados. Os fragmentos de seu diário, editados por Audálio Dantas, jovem jornalista combativo que atuava em São Paulo, permitiram vislumbrar um universo revelador de tensões e maus-tratos que, no entanto, são vistos sempre na objetividade da denúncia. É importante dizer, porém, que Carolina foi muito mais profícua como personagem de um contexto que merece ser conhecido além das mazelas e contradições do capitalismo e da exploração que insiste em excluir segmentos sociais. O presente texto foi pensado a partir do entendimento do universo *subjetivo* da provocadora Carolina, e para tanto, valorizou-se alguns originais guardados pela migrante mineira, considerando-se em particular *entradas* do diário mantidas em textos completos, não editados no *Quarto de despejo*⁴.

56

Cabe inicialmente, retrazar um cenário que ajuda a explicar o ambiente do surgimento dos diários como documento socialmente relevante, e, nesta linha, reforça-se o suposto que garante lugar à Carolina como figura que se sobressaiu por emblemar condições características da vivência sociocultural de um país pobre, mas que então era olhado, mundo afora, pelas complicações e potencialidades políticas expressadas na gestação de uma ditadura capciosa⁵. A experiência daquela mulher colocava a público, em escala amplíssima, algumas manchas temáticas reveladoras de pressões centradas nas figuras

³ Carolina Maria de Jesus teve seus diários publicados em três volumes a saber: *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960); *Casa de alvenaria: diário de uma ex favelada* (1961) e *Diário de Bitita* (1986). Apesar de corresponder a uma sequência, as edições não obedeceram a uma lógica de publicação, sendo que o último, apesar do título, sequer é um diário. O primeiro destes diários, *Quarto de despejo* teve aceitação ampla, inclusive internacional.

⁴ Em 1996, depois da publicação da primeira edição de *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, pela Editora da UFRJ, houve o conhecimento de parcela inédita dos manuscritos dos diários completos que foram publicados em sua integralidade com o título “Meu estranho diário”, pela Editora Xamã, SP.

⁵ Convém caracterizar a ditadura militar brasileira (1964 – 1985) como diferente dos demais padrões latino americanos, pois esta ostentava partidos políticos e eleições

femininas: mãe solteira, negra, institucionalmente desvalida, com pouca escolaridade e, sobretudo, desfavoravelmente exposta ao convívio de grupos que se afirmavam na busca de prometedor progresso material. Pobre, sim, mas sonhadora, também, Carolina, pertenceu a um meio periférico, contíguo à cidade moderna, uma espécie de suporte inevitável do lixo metropolitano, colocado à prova no ambiente de uma modernização industrializante, inescrupulosa e agressiva.

Nesse panorama, a reflexão sobre o registro de algumas manifestações oníricas da mulher miserável, migrante que vivia do lixo, busca jogar luz em aspectos capazes de mostrar a fertilidade e imaginação de alguém sempre mostrada como vítima, penalizada pelos desacertos do progresso socialmente parcial. Parte-se, pois do pressuposto que garante que Carolina nunca sucumbiu e intuitivamente, cultivando um território inconquistável, cuidou de registrar seus sonhos nos diários. As narrativas oníricas constantes em *entradas* intermitentes e que atravessam anos, se tornam chave para o entendimento da intimidade cotidiana de alguém que cultivava fantasias além da pobreza absoluta registrada com detalhes prosaicos. Valoriza-se a beleza dos sonhos relatados, colocando-os em contraste com registros que afinal, em agendas de análises sociológicas, se tornaram mais conhecidos que outras manifestações pouco notadas. O caráter denunciador sempre foi explicado como justificativa da recepção daqueles escritos tanto no Brasil como no exterior⁶.

Para os países ditos “centrais”, mostras denunciadoras da miséria da “periferia”, ganhavam destaques imediatos⁷. Internamente, no Brasil, porém, titubeios marcaram a recepção dos diários de Carolina, e sempre tais retomadas se explicam segundo movimentos de cada tempo. De início, a superação do que se convencionou chamar “anos dourados” - tempo

⁶ A recepção dos diários de Carolina, no Brasil e no exterior, teve percursos diferentes. Aqui sofreu claudicâncias, enquanto fora teve sempre desdobramento progressivo e ascendente. Por lógico, o fato da resistência do sucesso de *Quarto de despejo* no exterior atuou como fator da recuperação intermitente com efeitos entre nós.

⁷ Convém lembrar que o sucesso do *Quarto de despejo* acompanhou o desenvolvimento da Teoria da Dependência que consistia em uma leitura marxista dos processos de dependência da centralidade econômica dos países ricos. Sobre o assunto leia-se de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970.

correspondente à trajetória de J.K. -, provocou debates que, afinal, justificavam o aparecimento de uma escritora que com um livro de estreia comprometia a lógica do progresso estampado numa política de desenvolvimento econômico. O avesso do desenvolvimento que se fazia visível, contudo, ampliava bolsões de pobreza urbana e fazia replicar levas de marginalizados postos de lado. Tudo, no entanto, tinha duas faces, pois a um tempo, o livro se prestava como prova de mobilidade social e, assim, atestava aspectos de uma cintilante mudança de status geral - no caso provocado pela aceitação até então sem limites de uma popular como mulher de letras -, mas por outro feria a moral pública pelos efeitos da opressiva exploração capitalista urbana, industrial, matéria de seus registros.

O que se destacava, pois eram as descrições de dramas tangíveis, fatos vergonhosos de dia-a-dia melancólico. Paradoxalmente, tal notabilidade afogou outras manifestações literárias da esfíngica escritora semianalfabeta, habitante da metropolitana São Paulo que então se orgulhava de ser a “cidade que mais cresce no mundo”. O resto de seu vasto legado composto por uma obra de mais de cinco mil páginas manuscritas contendo: quatro romances, centenas de poemas, peças teatrais, muitos contos e inúmeros provérbios foi, contudo, silenciado pelo brilho meteórico do *Quarto de despejo*.

A leitura do conjunto da obra de Carolina revela aspectos interessantes em face do uso de palavras, metáforas, empréstimos e licenças poéticas, mas em termos reveladores de sua subjetividade, nada se compara às passagens em que descreve seus sonhos. De tal forma essas expressões oníricas foram importantes que, nem mesmo a tesoura necessária de seu editor, Audálio Dantas, cortou, no *Quarto de despejo*, todas as constantes evocações aos sonhos, contudo, é importante revelar que muito ficou de fora⁸. A presente reflexão foi baseada nos originais autênticos de Carolina, publicados em *Meu estranho diário*, texto que pretendeu publicar, sem cortes, as alusões gerais de Carolina. É importante dizer que, logicamente, a palavra *sonho* reponta nos

⁸ Em artigo anterior foram analisados os sonhos de Carolina no Quarto de despejo. Agora investe-se nos complementos publicados em *Meu estranho diário*. Autor, Subversão pelo sonho: a censura cultural nos diários de Carolina Maria de Jesus. In CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). *Minorias silenciadas: história da censura no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2002 Imprensa Oficial do Estado, Fapesp. P 141

escritos carolinanos, como em geral na cultura ocidental, também como sinônimo de *anseio*, mantendo assim duplo sentido, ou seja, *esperança utópica*, e também como *sonho* e *devaneio*.

Ainda que nos diários em particular seja difícil separar o uso do termo *sonho* das *expectativas da vida*, a preocupação central desta reflexão é o universo onírico enquanto produto genuíno do sono e da vigília. Alguns pressupostos devem ser enunciados como indicadores dos limites de uma abordagem como esta. Não se trata de um estudo psicanalítico e nem teve a pretensão de explicar a intrincada personagem Carolina pelas anotações de seus sonhos. Simplesmente, buscou-se constatar condições desses registros e a partir de aí apontar algumas hipóteses que certamente sugerem continuidades de estudos.

“*A coisa mais linda é o sonho de poeta*” escrevia Carolina em seu diário no dia 12 de novembro de 1958. A partir deste registro, decidiu-se explorar a estrada de mão dupla que tanto implicava o sonho como a sonhadora poetisa e seu papel como uma espécie de porta-voz do mundo. Logicamente, tornou-se necessário perceber o vínculo inerente entre sonho, poesia e função social do poeta, para a autora. Esta associação circular e dinâmica, indicaria uma aliança indissolúvel entre o destino de ser poeta, a função narrativa expressa pela escrita e a tristeza da vida quem cumpre um destino. Considerando isto, fica explicado o lugar das narrativas oníricas num diário que, dada sua condição de produção – motivado pela promessa de publicação ampla – não se ajusta nos limites de um diário íntimo. Concebendo a escrita como manifestação civilizada por excelência, e, portanto, divisor de águas entre marginais e integrados, salta da leitura da obra geral da escritora referências sobre a apropriação do termo *poeta*⁹. E de partida, Carolina desfez-se dos laços encantados que poderiam amarrar o poeta à alegria. Eis como a autora definiu o seu descobrimento como intelectual:

quando eu percebi que era poeta fiquei tão triste. O dia que o senhor Vili Aureli disse-me: Carolina, você é poetisa, naquele dia eu sepultei alegria

⁹ Para Carolina Maria de Jesus, a palavra poeta é sinônimo de escritor. Ela não diferenciava gêneros ou pelo menos submetia uns a outro.

que acompanhava-me igual a minha sombra. Até aquela data o meu coração trajava-se com as côres alegres. Depois passou a usar a côr rôxa. – E agora... usa a preta. Acho que sou preta interiormente e exteriormente (JESUS, 1996, p. 83).

Progressivamente evoluindo o mote do poeta sofredor, Carolina perpetuava a sina do fardo do viver como destino dado por forças que latejavam em sua razão de ser. Nota-se, com o progredir das entradas no diário, desdobramentos dessa premissa, vejamos: “hoje eu estou triste. A tristêza veio passar o fim de ano comigo. Eu pensei que ela havia olvidado-me. Dizem que ela persegue os poetas”.

Na sequência desta fala Carolina concluía que “a tristêza é malvada. A alegria não gosta dela, são inimigas irreconciliáveis. Alegria é jovem. E bonita gosta só das crianças e as crianças vivem sorrindo. A tristeza é velha e enrugada” (JESUS, 1996, p. 152).

Como passagem de uma condição para outra, da alegria para a tristeza, ser poeta pesava como missão tradutora de um mundo no mínimo melancólico. Em síntese, Carolina dizia que a alegria não fazia parte de seu mundo, ainda que ela quisesse. Atrapalhada pela idade que avançava, restava a ela sofrer como poeta. É com esta chave que se pergunta sobre o papel dos sonhos para Carolina Maria de Jesus.

A escritora migrante não só desconhecia as regras dos gêneros literários, mas, em seu abandono formal, propunha uma subversão de ordens onde o importante passava a ser o texto publicado, produto final, quase sempre reduzido à abordagem temática trágica. Neste sentido, pouco lhe adiantava ser poesia, conto ou romance, para Carolina o que importa era ter algo publicado. O fetiche do livro lhe era fundamental. Certa feita, quando de sua visita à Argentina por ocasião do lançamento do Quarto lá, ela mesma registrava, usando a palavra sonho como metáfora que:

fiquei muito alegre quando o jornalista mostrou me o meu livro. Dei uma risada peguei o livro e exclamei Que belêza para mim todo livro e belo. Dêvo adorar o livro porque o livro é o elo do que abre a inteligencia libertando-a. O meu sonho era viver cem anos para ler todos os livros que há no mundo (JESUS, 1996, p. 178).

A responsabilidade em se fazer conhecida pela escrita, talvez fosse a carga que mais pesava na concepção de intelectual da escritora. O compromisso lhe era um desafio e consequência imediata de ser poeta. E ser poeta lhe era tudo, fosse qual fosse o gênero narrativo. Claramente ela registrou isto ao concluir que “*não é assim. O superior tem que preocupar-se com o inferior. Porisso é que nascem os intelectuais*”. Na continuidade a autora expressa sua interpretação das razões históricas que, a seu ver, revelam o atraso dos “inferiores” analfabetos no Brasil:

a desorganização do Brasil é criada pelos portugueses que educavam seus filhos em Coimbra e não educava o filho do escravo. No balanço da Independência do Brasil com Portugal o saldo que Portugal nos legou foi uma manada de homens analfabéticos. E agora é que o Brasil está preocupado com a cultura (JESUS, 1996, p. 261).

O sonho para Carolina obedece uma relação complexa que trança conceitos variados. A expectativa lhe foi uma constante e o sonho de que seus projetos pudessem vir a ser realidade jamais a deixou. Carolina vivia sonhando com o diferente e sua inconformidade com o real de seus dias, em todas as fases da vida, permite dizer que havia absoluta coerência entre a insatisfação e o ideal. Quando ainda inédita, sonhava em ter seus livros publicados. Quando o *Quarto* saiu, e mesmo depois dele, ela queria outras publicações e mais sucesso, outros sonhos. Quando morava na favela sonhava com a casa de alvenaria e depois que se mudou para o bairro de Santana, queria a reclusão do sítio em Parelheiros também na capital paulista. Lá, retirada do mundo almejava o reconhecimento da cidade que lhe ficara distante. Mais insatisfações, outros sonhos. É exatamente pela metáfora do sonho que se pode atribuir ao conjunto da obra de Carolina o caráter de *projeto de literatura*.

No caso específico de Carolina Maria de Jesus, é preciso propor outra ligação pertinente ao entendimento do sonho como forma de explicação de suas funções. Ela se via com poderes mediúnicos (JESUS, 1996, p. 260)¹⁰. Isso, diga-se, para a análise subjetiva, não é pouca coisa. Expressando a comunicação com o além, constantemente Carolina dizia *ser avisada* de

¹⁰ Apesar dela mesma ter creditado a si poderes mediúnicos, em uma passagem, mais tardia, ela declara: “*não creio no espíritismo. Crêio em Deus!*”

perigos, como é o caso de um registro de 1958 quando ela retornava á casa na favela encontrando a filha com o pé cortado. Sendo informada pelo filho mais velho, ela respondeu que “já sabia. Tinha recebido o aviso” (JESUS, 1996, p. 47). O mesmo tipo de comunicação lhe fora providencial pouco mais tarde quando cansada ela decidira não sair, mas mediante aviso “*ressolvi odedecer*” e o resultado foi altamente positivo, muitas pessoas a ajudaram no ferimento da filha (JESUS, 1996, p. 80). Na mesma linha ela recebia avisos que teria aborrecimentos (JESUS, 1996, p. 123) ou que ganharia dinheiro (JESUS, 1996, p. 139). Curiosamente, outras formas de comunicação eram exploradas por Carolina que acreditava também em forças magnéticas. Certa feita, distante dos filhos, ela registrou:

despertei as 3 horas. Olhei ao lado esquerdo procurando a Vera não encontrei e recordei que eu estou em Buenos Aires. Tão distante de meus filhos. Pensei no João e disse: João desperta para ir a aula! E empreguei a minha fôrça telepática (JESUS, 1996, p. 179).

62

Antes de se tornar famosa, ou imediatamente depois, Carolina relatava com mais frequência que posteriormente as condições de seu sono. Reclamando sempre suas referências indicavam o desconforto do quarto sempre desarrumado, excesso de cansaço, presença de pulgas e nuvens de pernilongos, de situações que enfim revelavam a tortura da intranquilidade do sono na favela¹¹. Depois de reconhecer que ela mesma era vítima das circunstâncias da pobreza declarou que “*eu também penso muito e durmo pouco*” e alargando sua experiência para o coletivo registrou que “*parece que a onda do pouco atinge o Brasil – como pouco dorme pouco*” e a isto deduz contundente: “*dupla que nos conduz a sepultura*” (JESUS, 1996, p. 56).

Há situações em que os escritos de Carolina sobre suas expectativas revelam uma espécie de êxtase ou transe. Nestas circunstâncias suas palavras revelam um misto de descrição onírica e de realidade, como devaneio. Certa feita, pensando em um de seus namorados, Luiz, ela descreve uma situação singular em que justificando sua obsessão pela escrita, dizia:

¹¹ Entre as muitas referências ás condições do sono e do dormir na favela, leia-se as citações nas páginas: 40, 43; 54; 71, 72

tem hora que eu tenho a impressão que estou num palacio lá no ceu. Que o palácio é dividido em salas. E cada sala é de uma côr. As paredes e os moveis de cor única. E eu fico na sala vermêlha. E o Luiz fica numa sala azul, cada sala tem uma pessoa usando a sua côr predileta (JESUS, 1996, p. 161).

Sob más condições de sono, Carolina sonhava. São, no *Meu estranho diário*, seis os sonhos assinalados pela autora. Curiosamente, depois que ela vai se tornando famosa, os registros de sonhos passam a diminuir, talvez tragada pela expectativa do consumo público atento à objetividade dos fatos. Na mesma proporção pode-se dizer que aumentam as preocupações com sua afirmação no mundo dos brancos. Correlato inescapável é a progressiva referência às questões raciais e sua incompatibilidade com o mundo.

O primeiro sonho anotado por Carolina é de 1958 e bastante significativo de seus projetos. Não menos relevante os comentários feitos sobre a narrativa onde revela:

quando eu fui pegar agua contei para a Dona Angelina que eu havia sonhado que tinha comprado um terreno muito bonito. Mas eu não queria ir residir lá porque era litoral. Eu tinha mêdo dos filhos cair no mar. Ela disse-me que so mêsmo no sonho que podemos comprar terrenos. No sonho eu via os problemas inclinando-se para o mar. Que quadro bonito! (JESUS, 1996, p. 64).

O próximo sonho registrado insiste na solução da casa própria. Ainda que com detalhes mais saborosos, encerra uma perplexidade que tanto permite especular sobre a distância de sua realização, na velhice, como contraste da beleza da juventude. Ainda em 1958 ela registrou, depois de um dia agoniado: “adormeci e sonhei. Que eu residia num palaçete de ouro e prata. Mas que o meu rosto estava tódo enrugado e as pessoas que me via exclamava Credo! Uma casa tao bonita, e uma mulher tão fêia” (JESUS, 1996, p. 88).

Estes dois sonhos - que são nitidamente coerentes com as aspirações de Carolina enquanto uma favelada que aspirava ter casa própria em espaço digno – guardam condições riscos que, em última instância propõe o questionamento da validade de se atingir a pretensão. No primeiro caso ela não mudar-se-ia devido o mar e o perigo para os filhos; no segundo ela, vaidosa, teria que aceitar as rugas da velhice.

Pesadelos também povoavam o sono da escritora. Certa feita, já autora conhecida, em 1961 ela contava:

dêitei durante o dia e sonhei que um homem estava correndo atrás de mim com uma faca. Eu corria e pulei uma cerca procurando um lugar para esconder e despertei transpirando e contei ao José Carlos, que sonhei com um homem correndo atrás de mim com uma faca (JESUS, 1996, p. 150).

Eram dias difíceis em que Carolina tendo mudado com os filhos para a casa de alvenaria, agora reclamava da exploração que seus editores faziam e da falta de dinheiro para comprar alimentos para os filhos e manter o padrão de vida que merecia. Neste mesmo dia, a autora registrava um sonho duplo, no qual simultaneamente ressaltava que:

sonhei que eu era menina e estava brincando com outros meninos. Os meninos eram o paulo Dantas, o Camarinha, o senhor Assumpção, e os outros que eu não conhecia pegavamos nas mãos e cantávamos... Depôis saíamos correndo dois-a dôis. O que corria atrás queria pegar o que ia a frente (JESUS, 1996, p. 161).

64

Depois desta narrativa a autora relatou uma espécie de continuidade do mesmo sonho dizendo que “*depois sonhei que estava comendo, arroz, feijão e carne. E gostôso sonhar que estamos comendo*” (JESUS, 1996, p. 161). É quase mecânica a aproximação entre os meninos com quem brincava em criança – e que depois eram alçados em exploradores – e, depois, o prazer de comer arroz, feijão e carne.

Curiosamente o último sonho registrado por Carolina foi sobre a morte. Em um momento complicado de sua relação com os editores, com a imprensa e com os vizinhos, Carolina tem um pesadelo que descreve da seguinte forma:

passei a nôite sonhando que estava circulando dentro de um cemiterio procurando um lugar para sepultar-me. O meu esquife era de vidro. Eu via o meu cômro atraves do vidro adôrnado com flores de vidro coloridas. Olhava os campos e não gostava de nenhuma. Despertei com as vozes das crianças que iam para aula (JESUS, 1996, p. 148).

Depois deste sonho, não há mais registros nos diários. Arrolando-os no esforço de estabelecer elos percebe-se que os primeiros remetem a busca da realização daquele que foi seu ideal maior em vida: sair da favela, ter casa própria, de alvenaria. Os seguintes se abrem para a briga com a vida tanto em busca de justiça como de alimentos. O último, que acaba com seu enterro coincide com o momento em que ela estabelece sua mudança para o sítio em Parelheiros, no final da vida, onde veio a morrer. Curiosamente o “esquife” era de vidro, e de vidro as flores. Esta situação artificial sugere a marca postiça que perseguiu Carolina Maria de Jesus.

Sendo, para Carolina, o diário uma espécie de “espelho de papel”, os sonhos nele refletidos revelam um estado de espírito que atesta uma lógica capaz de iluminar facetas relevantes para sugerir duas conclusões básicas: seus registros indicam uma continuidade independente dos acontecimentos arrolados. A organização explicativa dos sonhos narrados obedece a uma variação numericamente inversa aos problemas de sua estreia enquanto favelada.

65

Percebe-se pelos devaneios de Carolina que ela narrava como alguém fora de si, personagem que se via como poeta que, na beleza de um sonho desperto, se reencontra com a alegria que não cabia na missão de sua realidade. Impressiona, nessas projeções oníricas o sentimento ornamentado, com muitas cores, como, por exemplo, na passagem em que ela imagina as diferentes salas do seu palácio suspenso no céu¹². Referência de moradia, que se contabiliza entre tantas nos seus sonhos, em contrapartida, talvez, à pobreza do seu sono. Carolina opõe o colorido alegre deste devaneio, ao roxo e ao preto. As cores que ela registrou no seu diário para definir a dor que lhe chega junto com o reconhecimento de ser poeta¹³. Assoma-se à essa condição, o da escrita, a tristeza, identificada por Carolina nesse olhar externo que a espreita.

Entre confidências e devaneios, ela enlaça com afetos opostos, tristeza e alegria, suas impressões sobre a condição de ser escritora. Ao confidenciar os fatos da sua vida rotineira, ritmada com a lógica da vigília, o lugar da escrita,

¹² Ver neste artigo citação de Carolina, do *Meu estranho diário*, p.161

¹³ Ver neste artigo citação de Carolina, do *Meu estranho diário*, p. 83

que ela resume ao da poesia, não se desprende das condições sociais que marcam a sua existência, atravessada pela pobreza de uma mulher negra. Constatação que pesa sobre Carolina como fatalidade, mesmo quando se ergue como poeta e não vislumbra qualquer chance de escapar da perseguição da tristeza¹⁴.

Em contraste ao lamento dessa sorte que, sofridamente, ela carrega sem escolha, contagia a leveza que se extrai do relato do seu devaneio. Nessa combinação expressiva de sonho e realidade, Carolina encontra tempo para se deixar levar pelos impulsos próprios da imaginação poética e admirar suas visões no silêncio das vozes cotidianas. Não se registra, no devaneio diurno de Carolina, nenhuma interposição externa que motive a alteração desse seu estado¹⁵.

Nos relatos dos seus sonhos noturnos, sucede que eles estão sempre sendo invadidos pelas intrusas dobras da realidade da vida diurna, que insistem em atrapalhar a sua solidão poética. São vozes que chegam pelos comentários que Carolina acresce às suas narrativas, como o da Dona Angelina, sublinhando a irrealidade daquelas manifestações¹⁶. Ou, em manifestações da sua própria voz, que acaba por chegar aos ouvidos de um interlocutor singular, José Carlos, conectando a aflição do sonho com a escuta da vida acordada¹⁷.

Em outras narrativas, as vozes ecoam do próprio interior dos sonhos, como aquela onde o duplo onírico do palacete do devaneio é contraposto à cronologia sinalizada na feiura do seu rosto enrugado. A essa aparição, Carolina narra que a plateia presente neste seu sonho, imediatamente brada: “*Credo!*”¹⁸. A solidão poética protegida nos devaneios só tem acesso aos sonhos de Carolina pelas mãos e vozes das crianças. Com o detalhe dessas vozes infantis virem dos recônditos dos sonhos, em cantigas de roda,

¹⁴ Ver neste artigo citação de Carolina, do *Meu estranho diário*, p. 152

¹⁵ Bachelard, dentre as várias distinções entre devaneio e sonho, inclui a solidão, inalcançável no sonho: “O sonho permanece sobrecarregado de paixões mal vividas na vida diurna. A solidão, no sonho noturno, tem sempre uma hostilidade. É estranha. Não é verdadeiramente a nossa solidão.” Cf. BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.14.

¹⁶ Ver neste artigo citação de Carolina, do *Meu estranho diário*, p. 64

¹⁷ Ver neste artigo citação de Carolina, do *Meu estranho diário*, p. 150

¹⁸ Ver neste artigo citação do pesadelo de Carolina, do *Meu estranho diário*, p.88

embalando a cena lúdica. Prazer redobrado no relato do sonho que, na sequência deste, chega repleto de imagens que rendem tributos aos sabores do arroz, feijão e carne¹⁹.

As vozes infantis retornam na ocasião que ela narra o sonho com a sua moradia mortuária, sem nenhuma flor do seu agrado para ornamentá-la²⁰. Mas, nesta ocasião, estão misturadas ao ritmo da vida cotidiana comum às ruas da cidade, com a única serventia de despertá-la da intranquilidade da imaginação onírica. Nos seus sonhos noturnos, sob más condições de sono, Carolina não se despoja dos seus trajes da vida diurna. A livre influência da imaginação só a alcança em devaneio e nos sonhos com crianças. Elas, que em anotações feitas no seu diário, Carolina aproxima dos atributos da alegria: a beleza e a juventude.²¹ Nos registros do seu diário, Carolina não evoca apenas fatos da sua vida, mas reflexões próprias sobre a arte de escrever, que ela universaliza na poesia.

Resiste a frase de Carolina, “A coisa mais linda é o sonho de poeta”, à própria Carolina. Resistência que ela ativa na sua escrita que transita em sentido não linear entre devaneios, sonhos e confidências. Resiste Carolina como poeta contra a “impiedosa energia que move a história” (CALVINO, 1990, 16), e teima em disputar os seus sonhos.

¹⁹ Ver neste artigo citação do duplo sonho de Carolina, do *Meu estranho diário*, p.161

²⁰ Ver neste artigo citação do último sonho de Carolina, do *Meu estranho diário*, p.148

²¹ Ver neste artigo citação do último sonho de Carolina, do *Meu estranho diário*, p.152.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.14.
- CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- CARDOSO, Fernando Henrique Cardoso; FALETTO, Enzo. **Dependência e Desenvolvimento na América Latina**, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970.
- DIDIER, Béatrice. **Le journal intime**, Presses Universitaires de France, 1976.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1960.
- _____. **Casa de alvenaria**: diário de uma ex favelada. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1961
- _____. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- _____. **Meu estranho diário**. São Paulo: Editora Xamã, 1996.
- MEIHY, José Carlo Sebe Bom; LEVINE, Robert. M. **Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.